

Guerreiro e Cheysson acham impraticável reunião sobre dívida

DO ENVIADO ESPECIAL

PARIS— O Brasil e a França chegaram à conclusão de que é praticamente impossível realizar, a curto prazo, uma reunião de cúpula entre países industrializados e em desenvolvimento para debater a dívida externa da América Latina. O tema foi examinado ontem, no Ministério da Relações Exteriores da França pelos chanceleres Saraiva Guerreiro e Claude Cheysson.

Os dois ministros entendem que o tema é muito delicado e, por isso, um encontro desse tipo precisa de um cuidadoso preparo, a fim de não comprometer seus resultados. Por enquanto, concluíram, o melhor será recolher alguns sintomas — positivos ou negativos — durante eventos programados e aos quais compareçam países do Norte e do Sul.

Nada impede, porém, segundo Guerreiro e Cheysson, que também bilateralmente os diversos países interessados troquem impressões, em reuniões já marcadas ou que venham a ser programadas. Será útil também que esses países repassem informações a terceiros, colocados na mesma situação, com o objetivo de se criar um quadro bastante nítido e confiável das possibilidades de um entendimento concreto.

SEM ARREPENDIMENTO

O ministro Saraiva Guerreiro disse que o Brasil não se arrepende dos rumos que tomou, “embora tenha sido apanhado em flagrante ao cometer o crime do desenvolvimento, ou de um otimismo talvez exagerado”. Ele afirmou isso ao discursar durante almoço que o chanceler Cheysson lhe ofereceu ontem no Quai D’Orsay, o Ministério do Exterior francês.

Na reunião de Cartagena, da qual participaram 11 países latino-americanos para examinar o problema da dívida externa, o subcontinente “dirigiu-se à razão, não só às emoções”, disse Guer-

reiro. Ele lembrou que esse tema interessa não apenas aos países em desenvolvimento, mas também aos industrializados. Hoje, na sua opinião, diversos governos de países ricos “já demonstram percepção para o problema, especialmente o francês”.

Saraiva Guerreiro acha que os devedores têm tido uma “atitude de compreensão” diante do impasse que enfrentam e se perguntam agora o que fazer. A resposta, disse, parece ser “um esforço imediato e urgente”.

Ele estabeleceu uma distinção: “Esforço não precipitado, não apodado, mas urgente”. Admitiu que alguns “ajustes e sacrifícios” são necessários, mas é preciso que os países ricos emitam sinais contra a ameaça de estagnação.

Fazendo uma profissão de fé nas relações Brasil-França, o ministro Guerreiro disse que elas continuarão dirigidas pelo interesse maior dos dois países, “independente das transformações políticas que ambos venham a experimentar”.

ELOGIO

O ministro Claude Cheysson, saudando Guerreiro, elogiou o Brasil, destacando seu “potencial considerável”, e mencionou, sem grande cobranças, o superávit brasileiro na balança comercial, considerando esse intercâmbio animador.

Cheysson fez ainda uma análise da situação financeira mundial, com destaque para suas dificuldades, e ressaltou que a atitude assumida pelos países latino-americanos reunidos em Cartagena foi “de coragem”. A França “aceitou bem os resultados desse encontro e tem acompanhado com agrado os ajustes que os países pobres aceitaram para regular suas economias”. O que interessa, no fundo, concluiu, “é a vontade política de discutir a dívida externa e tentar obter a mobilização da comunidade econômica internacional”.



“Ajustes são necessários”

Arquivo